

O “SENTIDO DA VIDA” PELAS LENTES DE OSCAR BRENIFIER E JACQUES DESPRÉS: UMA ANÁLISE TEXTUAL-DISCURSIVA DA PROPOSTA EDUCATIVA

André Augusto Diniz Lira¹
Gerson Euriques de Vasconcelos Filho²
Maria Luiza Limeira da Silva³

RESUMO

A temática do sentido da vida conjuga vários aspectos que integram o ser humano, perpassando diversos campos do conhecimento. Essa questão tem sido colocada para todas as fases da vida, inclusive na infância e juventude. Oscar Brenifier, filósofo e educador, e Jacques Després, ilustrador, têm apresentado uma série de livros tratando de questões de amplo escopo, desde as disciplinas do conhecimento até aquelas voltadas para o campo da experiência humana. O livro “O Sentido da vida” desses autores se enquadra em um conjunto de obras que procuram suscitar reflexões de cunho filosófico sobre a temática em tela. Este artigo objetiva analisar essa obra considerando-se os aspectos conteudísticos e argumentativos traçados em sua relação com a educação, tendo por base a análise textual dos discursos, do ponto de vista metodológico, e a Logoterapia, como fundamentação teórica para o sentido da vida. Verificamos, na análise, uma abordagem paralelística que coloca a problemática do sentido da vida em um jogo de representações discursivas dispares e contrapostas, associadas à dimensão mais individual. Diferentemente de outras obras dos autores nas quais se expõe algum conteúdo sobre a temática em questão, neste livro se pontua visões contrapostas colocadas sob a forma de asserções. Alguns aspectos recorrentes são vislumbrados: a) algumas asserções apontam para uma Pedagogia lenta, serena e sustentável; b) uma “dicotomização” da abordagem; c) uma redução do discurso ao enfoque de tipos de pessoas que apresentam essa ou aquela visão de mundo sobre o sentido da vida. As abordagens dos outros livros desses autores parecem se coadunar melhor a uma perspectiva mais educativa, apresentado a complexidade das temáticas de um modo mais amplo. Contudo, no livro analisado apresenta, de modo parcial, a questão do sentido da vida, não resgatando toda a complexidade necessária.

Palavras-chave: Sentido da vida, Literatura infantojuvenil, Educação.

¹ Doutor em Educação pela UFRN. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Campina Grande (PPGE/UFCG). Tutor do Programa de Educação Tutorial (PET Pedagogia da UFCG). Email: andreaugustoufcg@gmail.com

² Graduado no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Foi bolsista do PET Pedagogia da UFCG. Email: gersonvasconcelos098@gmail.com

³ Graduada no Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Campina Grande. Foi bolsista do PET Pedagogia da UFCG. Email: limeiraluizamaria@gmail.com

INTRODUÇÃO

Oscar Brenifier, filósofo e educador francês, e Jacques Després, ilustrador, ficaram mundialmente conhecidos pela publicação do livro infantojuvenil “O Livro dos Grandes Opostos Filosóficos” (2016), que foi traduzido para mais de 18 línguas e ganhou vários prêmios de reconhecimento⁴. Esse livro terminou sendo o início de uma série de outras obras, nessa perspectiva, tratando de assuntos variados, desde disciplinas do conhecimento (e.g. Psicologia) até temas da experiência humana e da transcendentalidade [como o sentido da vida; o bem e o mal; Deus; o amor e a amizade]. Entre outros livros traduzidos, no Brasil, destacamos: “O Livro dos Grandes Opostos Psicológicos” (2014), “A Questão de Deus” (2013a) e o livro “O Sentido da Vida” (2013b)⁵.

Ao demarcar, no título deste trabalho, que trataremos do sentido da vida pelas lentes de Oscar Brenifier e Jacques Després fazemos uma referência intencional para duas possibilidades de interpretação: uma no sentido de que essas lentes podem ser um tipo de recurso para pensar melhor, para fazer enxergar, discernir ou até decidir; outra no sentido de que essas lentes podem se constituir como um modo de conceber uma determinada questão. Saímos, portanto, do âmbito das lentes como recurso (dos óculos) para as lentes como um modo de enxergar (dos olhos). É importante, nesses dois âmbitos, não dicotomizarmos essas “lentes”, pois a segunda mencionada, como um modo de conceber, direciona a primeira. Em outras palavras, a nossa maneira de enxergar o mundo pode se transformar em uma proposta educativa, um modo de fazer com que o outro perceba, comungue com as nossas ideias ou mesmo seja por elas disciplinado. Os livros, inclusive os direcionados ao público infantojuvenil, são propostas de leitura do mundo. Um mundo criado pelo texto (RICOEUR, s/d), defendido e ensinado pelos pontos de vista concorrentes produzidos.

A temática do sentido da vida conjuga vários aspectos que integram o ser humano, perpassando diversas áreas do conhecimento na filosofia e teologia (BOFF, 2014), na literatura (EAGLETON, 2021), nas ciências sociais (BERGER; LUCKMANN, 2012), na psicologia (FRANKL, 1994), na Educação e Espiritualidade (RÖHR, 2013). Os sentidos da vida, no plural,

⁴ Prix de la Presse des Jeunes (Prêmio da Imprensa Jovem, 2008), Prix Jeunesse France Télévisions (Prêmio da Televisão Francesa 2008) e o Prêmio La Science se Livre (A ciência se liberta, 2009).

⁵ As traduções no Brasil não seguiram o fluxo cronológico das obras publicadas na França, pois “O livro dos Grandes Opostos Filosóficos” que foi o primeiro da série, foi publicado posteriormente em nosso meio.

impactam de diferentes maneiras as fases da vida, de crianças e jovens, que se veem, nesse sentido, em desenvolvimento cognitivo, afetivo e moral.

Este artigo objetiva analisar a obra “O Sentido da Vida” (BRENIFIER; DESPRÉS, 2013b) considerando-se os principais aspectos temáticos e textuais-discursivos, na perspectiva da proposta educativa que dele emana.

REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO

Para a realização deste trabalho lançamos mão da Análise Textual dos Discursos (ATD), na perspectiva de Adam (2008), que apresenta uma série de possibilidades para o estudo empírico do texto, entre essas destacamos: a estrutura do texto, o uso do léxico, a construção argumentativa, as proposições-enunciado, as representações discursivas, as sequências textuais. Uma explicitação pormenorizada fugiria ao escopo deste trabalho. Contudo, existem uma série de publicações que introduzem esses elementos (cf. PASSEGGI, 2001; PASSEGGI et al, 2009).

Do ponto de vista do ensino de língua tradicional, era muito corrente a divisão entre textos dissertativos, narrativos e descritivos. Isso levava a suposição rígida de que não havia interpenetração entre essas categorias. Entre as tipologias mais atuais, Charaudeau (2016) trabalha com um enfoque mais amplo e dinâmico como modos de organização do discurso enunciativo, descritivo, narrativo e argumentativo. De acordo com Rabatel (2016), devemos compreender que mesmo, em um texto narrativo, há a construção de vários pontos de vista, que exercem, por sua vez, uma função argumentativa. Nesse sentido ainda, um texto tido como descritivo pode argumentar a favor ou contra determinado posicionamento pela escolha e uso de determinadas palavras, por sua ordenação ou pela arregimentação do discurso como um todo (PASSEGGI, 2001).

Segundo Ricoeur (s/d, p. 121): “interpretar é explicitar o modo de ser-no-mundo exposto diante do texto”. Ainda seguindo esse autor: “o discurso opõe-se à língua que não tem relação com a realidade, remetendo as palavras para outras palavras na roda sem fim do dicionário; apenas o discurso, dizíamos nós, visa as coisas, se aplica à realidade, exprime o mundo” (p. 120). A ATD se concentra justamente no texto como uma construção discursiva que apresenta perspectivas de ser e de estar no mundo, possibilitando ao leitor deparar-se consigo mesmo em um contínuo diálogo com os outros.

Consideramos sobre o sentido da vida a relevância dos estudos da Logoterapia, uma teoria e terapia que se concentra nas várias nuanças dessa temática/problemática. Na verdade, deveríamos sempre evocar a discussão sobre os sentidos da vida no plural, posto que são vários,

podem mudar de circunstância para circunstâncias a depender do que nos é posto (como responsabilidade, como causa), de um ciclo para outro da vida e inclusive propiciando um movimento constante, posto que somos movidos pela “vontade se sentido” (FRANKL, 1994). Pode-se também evocar a discussão sobre um supra-sentido, um sentido que daria conta de todos os subtipos possíveis de sentido, o que é muito comum de se verificar nas grandes matrizes religiosas.

Contudo, na perspectiva da logoterapia, uma classificação dos sentidos é bastante útil. Os sentidos estariam a) relacionados aos valores criativos, ao fazer, ao trabalhar, ao produzir; b) associados aos valores experienciais como o amor, os sentimentos; c) relacionados aos valores atitudinais face inclusive às situações inevitáveis, como os sofrimentos decorrentes da guerra, de uma doença, da morte.

Vale salientar, por último, que temos por base para as análises o livro em português publicado pela editora Autêntica, em 2013, com a tradução do francês para o português de Beatriz Magalhães.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a) Conhecendo a estrutura e dinâmica do texto

O texto do livro analisado se apresenta por um modo de organização do discurso descritivo (CHARAUDEAU, 2016). Como já afirmamos, isso não pode ser entendido como uma abordagem “neutra” como se não houvesse uma intencionalidade argumentativa nas asserções descritivas, entendidas aqui como proposições-enunciados (ADAM, 2008). Assim como Rabatel (2016) afirmou que a narrativa constrói argumentos, as descrições aqui também farão, o que a primeira vista não seja tão evidente.

Verificamos uma abordagem enumerativa de asserções paralelas que colocam a problemática do sentido da vida em um jogo de representações discursivas díspares e contrapostas, mais associadas à dimensão individual dos sujeitos. Diferentemente de outras obras dos autores nas quais se expõe algum conteúdo sobre a temática em questão, nesse livro se pontua visões contrapostas colocadas sob a forma de breves asserções. Entre outros aspectos recorrentes vislumbrados destacaremos que: a) algumas asserções apontam para uma Pedagogia lenta, serena e sustentável; b) há uma “dicotomização” da abordagem; c) evidencia-se uma

redução do discurso ao enfoque de tipos de pessoas que apresentam essa ou aquela visão de mundo sobre o sentido da vida.

Começamos com os aspectos mais gerais da estrutura do texto. A introdução é uma proposição que direciona ou pretende situar o leitor para o que virá adiante [“A gente pode ter ideias muito diferentes, e mesmo opostas, sobre o sentido da vida...” (p. 5)]. Essa asserção demarca um princípio geral, colocado como uma possibilidade, sobre os posicionamentos diferentes tomados pelas pessoas quanto ao sentido da vida. Ainda que se coloque como ressalva a oposição entre as perspectivas sobre o sentido da vida, o quadro geral da obra aponta para uma regularidade, nessa perspectiva: a oposição é a regra do jogo discursivo traçado. Isso se torna mais evidente através da estrutura paralelística do texto sob a forma de uns... e outros..., que é apenas finalizado pela pergunta provocativa da última página do texto: “E você?” (p. 31). Portanto, a estruturação do livro é a seguinte:

Introdução: afirmativa

- *Estrutura paralelística (em 12 pares de asserções)*

Conclusão: pergunta

Há uma “dicotomização” da abordagem da interpretação do comportamento humano a partir de uma da tipologia instituída, que se afirma e se reafirma pelo jogo discursivo posto em movimento, notadamente no par “Alguns pensam em X” e, logo a seguir, “Outros acreditam em Y”. A partir da teoria da Complexidade e dos seus rebatimentos na educação foi se tornando mais claro que isso se trata de um reducionismo, seguindo uma lógica cartesiana. A propósito, Edgar Morin (2000, 2003, 2015) e tanto outros autores no campo da neurociência têm discutido o papel da emoção na vida humana e na educação. A constante referência aos verbos do campo semântico de cunho mais opinativo (acham, acreditam, pensam, considerar) nos parece levar ao primado de um *eu pensante*, ainda que esses verbos possam também, nos meios intelectualizados, serem desconsiderados. A seguir disponibilizamos uma tabela com as palavras das primeiras e segundas asserções em paralelo.

Asserções	Primeira	Segunda
Ordem	Alguns	Outros
1	Pensam	Acreditam
2	Pensam	Acham
3	Pensam	Acreditam
4	Pensam	Acreditam
5	Pensam	Consideram
6	Pensam	Acreditam
7	Acreditam	Pensam
8	Acreditam	Pensam
9	Pensam	Acreditam
10	Pensam	Acreditam
11	Pensam	Acreditam
12	Pensam	Acham

QUADRO 1: Verbos que iniciam as asserções paralelísticas

Pode-se observar que os verbos que são utilizados no livro se encontram em um mesmo campo semântico que podemos classificar como relativos a uma expressão de uma opinião ou de um posicionamento, notadamente pessoal (individuais). Outros campos semânticos possíveis poderiam, por exemplo, ser realizados textualmente por verbos que indicassem uma defesa (defender, argumentar, afirmar) ou mesmo indicando predileção ou sentimentos (preferir, gostar, sentem).

As ocorrências no texto desses verbos nesse campo semântico opinativo são os seguintes: a) *pensar* - utilizado 12 (doze) vezes, 10 (dez) na primeira asserção e 2 (duas) na segunda; b) *acreditar* - utilizado do 9 (nove) vezes, sendo 7 (sete) na segunda asserção e 2 (duas) na primeira; c) *achar* - ocorre apenas 2 (duas) vezes na segunda asserção; d) *considerar* - usado 1 (uma) única vez na segunda. Como se pode perceber, na tabela acima, a regularidade maior dos usos é o par *Pensam...* (primeira asserção) e *Acreditam...* (segunda asserção) em 7 (sete) vezes, acrescentando-se que em 2 (duas) vezes ocorre uma inversão *Acreditam...* *Pensam....*

O livro analisado se apresenta em uma estrutura de paralelismo em sua composição do textual e imagética, que se distribui asserções e figuras em 12 pares contrapostos. Em sua maioria se opõem de forma extrema, o que se pode verificar pelos advérbios, pelas expressões adverbiais, pelos adjetivos e pelos verbos, que se unem para configurar em polos equidistantes,

assim como pela proposta visual do livro. Configura-se, assim, uma lógica disjuntiva, não havendo lugar para complexidade, para os entremeios e até para as dúvidas. Ainda que seja possível supor uma complexidade do tema do sentido da vida, através dos diferentes posicionamentos descritos, no geral, a abordagem é dicotômica e classificatória.

Palavras e expressões valorativas em destaque		
Ordem	Primeira	Segunda
1	<i>bem preenchida, muitas coisas.</i>	<i>não há nada</i>
2	<i>muito ocupados; inúmeras atividades.</i>	<i>unicamente; não faz absolutamente nada</i>
3		<i>sempre buscar</i>
4		<i>fazendo esforços demasiados</i>
5	<i>ser totalmente pleno</i>	<i>felicidade deve ser merecida.</i>
6	<i>brincar o tempo todo, é se divertir a valer</i>	<i>coisa séria</i>
7	<i>para os outros, para amá-los e mimá-los</i>	<i>Inevitavelmente</i>
8	<i>coisa preciosa, necessário fazer tudo</i>	<i>grandes ideais</i>
9	<i>coisas tristes</i>	<i>não durará para sempre.</i>
10	<i>por mais louco que seja</i>	
11	<i>fazer o que temos vontade; ir aonde quisermos</i>	<i>obedecer a regras, ser responsável</i>
12	<i>aborrecida; nada muda; fazemos sempre a mesma coisa</i>	<i>cheia de surpresas</i>

QUADRO 2: Palavras e expressões que denotam valor enunciativo.

De acordo com Frankl (1994), os sentidos da vida podem mudar, ao longo de nossa existência, inclusive a depender das circunstâncias e dos contextos que a vida nos impõe, das novas tarefas (deveres) que se colocam diante de nós. Não existe sentidos fixos e invariáveis assim como as pessoas podem responder de modo diferente e até contraditório às exigências do cotidiano. A ideia de classificar os indivíduos pelos sentidos, ou seja, no caso analisado pelas decisões, atitudes e posicionamentos tomados parece ser irreal e não corresponder à complexidade dos sentidos da vida.

b) Conhecendo alguns temas recorrentes

Alguns temas contrapostos são recorrentes, na abordagem dos autores, como liberdade X comedimento; trabalhar duro X aproveitar a vida, sonho X realidade, ludicidade X seriedade. No geral, quando se pretende defender uma ideia, de um desses pares, as palavras ou expressões utilizadas são menos exageradas, tendendo a uma neutralidade. Por exemplo, na proposição-enunciado, “Alguns pensam que vivemos melhor se esquecemos a morte, se não pensamos em coisas tristes.” (p. 22), demarca-se um determinado escapismo, enquanto “Outros acreditam que, para captar o sentido da vida, é necessário ter em mente que ela é frágil, que não durará para sempre” (p. 23), demarcando-se uma determinada sabedoria. Mais adiante, afirma-se: “Alguns pensam que o sentido da vida é buscar realizar o próprio sonho, *por mais louco que ele seja.*” (p. 24, grifo nosso), contraposto a: “Outros acreditam que o sentido da vida é saber aceitar a realidade como ela é, receber cada dia como ele vier” (p. 25).

Do ponto de vista discursivo, é possível verificar uma aproximação da obra da denominada Pedagogia lenta, serena e sustentável. Essa pedagogia surge como um dos múltiplos rebatimentos da crítica ao produtivismo, à massificação e à reprodução social na educação, sob a égide do capitalismo (CARBONELL, 2016). Isso se dá sobretudo nas primeiras páginas do livro, nas quais são apresentadas pessoas que “pensam” na vida a partir de uma cosmovisão materialista e ativista. Aqui, como em todas as outras imagens do livro, há uma proposta de continuidade entre os textos-verbais e as imagens, de tal modo que uma reforça a outra, em um movimento reiterativo. Apresenta-se, na página 6, na perspectiva de baixo para cima, em uma piscina, um personagem-bonequinho, preso a muitas boias, ressaltando-se, então, a sua falta de liberdade, o seu literal aprisionamento. Por outro lado e em contraposição, na página seguinte, outro personagem-bonequinho está nadando livre, por debaixo da água da piscina (p. 7), em movimento frontal. Na página 8, outro personagem está preso a vários

instrumentos de trabalho (livros, luneta, caderno e computador). Na página 9, outro personagem se encontra deitado de braços cruzados, olhando para o céu, como se estivesse deitado na relva, símbolo de liberdade (p. 9). Isso se pode ser observado nas expressões em itálico abaixo nas quais a lógica disjuntiva e extremista é evidenciada discursivamente.

Alguns pensam que a vida tem mais sentido quando é *bem preenchida*, quando *possuímos muitas coisas*. (p. 6)

Outros acreditam que a vida tem mais sentido quando *não há nada* para atravancá-lá. (p. 7)

Alguns pensam que a vida tem mais sentido quando estamos *muito ocupados*, quando temos inúmeras atividades. (p. 8)

Outros acham que a vida tem sentido unicamente quando a gente *não faz absolutamente nada*, quando deixamos, tranquilamente, a vida passar. (p. 9)

Ainda que as asserções, no geral, não descartem também um certo tom de crítica para esses que “aproveitam a vida”, a tônica geral é mais de uma crítica ao produtivismo. Acrescentem-se que as asserções que se afiguram no âmbito de uma sabedoria de/para a vida são escritas de um modo menos implicado, basicamente sem recorrer às expressões valorativas da tabela 2.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As abordagens dos outros livros desses autores, notadamente o Livro dos Opostos Filosóficos parecem se coadunar melhor a uma perspectiva mais educativa, apresentado melhor a complexidade das temáticas. O livro analisado sobre o Sentido da Vida apresenta, de modo parcial a temática, não resgatando toda a complexidade necessária, que tem sido palco para tantos estudos como referimos anteriormente.

Ainda que a estrutura do livro pressuponha uma neutralidade derivada da tipologia descritiva e uma abertura para a reflexão, inclusive dando-se “voz” ao leitor no final (“E você?”), foi possível verificar, através de uma análise textual discursiva, os posicionamentos do livro em tela sobre a temática do sentido da vida em uma abordagem reducionista e tipológica dos seres humanos, pondo como preponderância os aspectos contrapostos das opiniões.

REFERÊNCIAS

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. *Modernismo, Pluralismo e Crise de Sentido*. Petrópolis: Vozes, 2012.

BOFF, Clodovis. *O Livro do Sentido: crise e busca de sentido hoje (parte crítico-analítica)*. São Paulo: Paulus, 2014.

BRENIFIER, Oscar.; DESPRÉS, Jacques. *A Questão de Deus*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013a.

BRENIFIER, Oscar.; DESPRÉS, Jacques. *O Sentido da Vida*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013b.

BRENIFIER, Oscar.; DESPRÉS, Jacques. *Os Opostos Filosóficos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

BRENIFIER, Oscar.; DESPRÉS, Jacques. *Os Opostos Psicológicos*. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

BRUNER, Jerome. *A Cultura da Educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

CARBONELL, Jaume. *Pedagogias do século XXI: bases para inovação educativa*. 3ed. Porto Alegre: Penso, 2016.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: modos de organização*. 2ed. São Paulo: Contexto, 2016.

EAGLETON, Terry. *O Sentido da Vida: brevíssima introdução*. São Paulo: editora UNESP, 2021.

FRANKL, Viktor. *Em Busca de Sentido*. Petrópolis: Vozes, 1994.

MORIN, Edgar. *A Cabeça Bem Feita*. Rio de Janeiro: Bertrand, 2003.

MORIN, Edgar. *Ensinar a Viver: manifesto para mudar a educação*. São Paulo: Sulina, 2015.

MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: UNESCO, 2000.

PASSEGGI, Luis. A estruturação sintático-semântica dos conteúdos discursivos: categorias descritivas da lógica natural para a linguística. In: PASSEGGI, L.; OLIVEIRA, M. do S. (Orgs.) *Linguística e educação: gramática, discurso e ensino*. São Paulo: Terceira Margem, 2001. (p. 245-269).

PASSEGGI, Luis. et al. A análise textual dos discursos: para uma teoria co(n)textual da produção de sentidos. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.) *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010. (p. 262-312).

RABATEL, Alain. *Homo Narrans: por uma abordagem enunciativa e interacionista da narrativa*. São Paulo: Cortez, 2016.

RICOEUR, Paul. *Do texto a ação: ensaios de hermenêutica II*. Porto: RES Editora, s.d.

RÖHR, Ferdinand. *Educação e Espiritualidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2013.